



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA- UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

THASSIA SOLRAC SOUZA SAID D'OLIVEIRA DE BRITO

**O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA DISCIPLINA DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO TERCEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

**Brasília/DF
Junho/2014**

THASSIA SOLRAC SOUZA SAID D'OLIVEIRA DE BRITO

**O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA DISCIPLINA DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO TERCEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. MSc. Rafaela Nunes Marques Mól.

**Brasília/ DF
Junho/2014**

THASSIA SOLRAC SOUZA SAID D'OLIVEIRA DE BRITO

**O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE NA DISCIPLINA DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO TERCEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília UniCEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. MSc. Rafaela Nunes Marques Mól.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Rafaela Nunes Marques Mól

Dedico este trabalho a Carlos Said d'Oliveira, vulgo Will, o melhor avô do mundo, que insistiu para que eu continuasse todas as trajetórias da minha vida como uma realização pessoal e íntima sua. Ser seu orgulho foi a minha maior e mais rica motivação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de finalizar mais uma etapa na minha vida acadêmica, podendo estar apta a abrir novas portas profissionais. Obrigada à família incrível que me cerca e aos amigos que não me deixaram desistir nos momentos de cansaços físico e mental.

Meu agradecimento especial vai para a orientadora Rafaela Nunes, que me deu todo apoio moral e acadêmico necessário para que eu não desistisse, mais uma vez.

Por último, gostaria de agradecer aos meus avós por serem exemplo de garra, determinação e paciência e por me darem todo o suporte que precisei para estar onde hoje estou. Que Deus os tenha ao Seu lado.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar como a oralidade é desenvolvida na Educação de Jovens e Adultos, do terceiro segmento, na disciplina de Língua Portuguesa, em uma escola pública do Distrito Federal. Tal problemática surgiu ao ser analisada a questão temporal desta modalidade educacional: metade do tempo do ensino regular (18 meses). Observando que a oralidade é abordada por várias vezes nos objetivos gerais e específicos do Currículo em Movimento da Educação Básica – Jovens e Adultos, buscou-se analisar se a teoria é praticada em campo. Para embasamento teórico, foi utilizada pesquisa bibliográfica nas áreas de Linguística, Sociologia, Pedagogia, História e documentos legais, dando suporte para identificar a problemática em campo. Após todos os dados colhidos em campo (por meio da entrevista, questionário e observação), compilados e analisados, pôde-se perceber que, devido ao curto espaço de tempo, desmotivação da professora, cansaço dos estudantes e descaso da escola, a oralidade na prática é negligenciada e contradiz o que é explicitado nas diretrizes dessa modalidade, gerando uma cadeia de problemas sociais.

Palavras-chave: Educação. Oralidade. Currículo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FNEP – Fundo Nacional de Ensino Primário

MEB – Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SE – Secretaria de Educação

SEA – Serviço de Educação de Adultos

SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESI – Serviço Social da Indústria

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Sociolinguística	11
2.2 A importância da oralidade na Educação de Jovens e Adultos	14
2.3 Histórico e perspectivas da Educação de Jovens e Adultos	17
2.4 Análise do Currículo em Movimento da educação básica em Oralidade do terceiro segmento – EJA/2014	24
3 METODOLOGIA	28
3.1 Cenário da pesquisa	30
3.2 População	30
3.2.1 Professora	30
3.2.2 Alunos	30
4 ANÁLISE DOS DADOS	32
4.1 Relato de resultados	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6 REFERÊNCIAS	40
7 APÊNDICE	43

1 INTRODUÇÃO

Atualmente pode-se observar um constante interesse de jovens e adultos em finalizar os estudos e procurar centros de ensino que ofereçam esse serviço. Estudar não se coloca apenas na posição de ir à escola, ouvir, assimilar, desenvolver e colocar em prática. Estudar não significa só aprender, mas questionar o aprendido e aperfeiçoar o estudado e nem sempre as percepções de ensino no Brasil estão focadas nessas filosofias, mas sim no contexto de diminuir a quantidade de analfabetos nas estatísticas sociais apresentadas ao mundo, como explica Álvaro Vieira Pinto (1982, p.83) ao afirmar que “a educação de adultos visa atuar sobre as massas para que estas, pela elevação de seu padrão de cultura, produzam representantes mais capacitados para influir socialmente”.

Dentro dessa realidade encontram-se os princípios de Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996): Ensinando para aprender, aprendendo para ensinar. O mestre não só se fundamenta na aquisição do conhecimento, mas, em transmiti-lo, ou seja, a linguagem é o mais importante mecanismo de comunicação, compreensão e atuação no mundo. Soares (2000) afirma que a linguagem é o “principal produto da cultura” e o “principal instrumento para sua transmissão”. Sua abrangência se encontra em todas as atividades escolares e o seu ensino é um desafio para professores e alunos de português, como confirmam Correa, Spinillo e Leitão (2001) ao conceituar que a “competência linguística do indivíduo deve ser considerada algo muito além da palavra, da frase”. Essa constatação se procede quando da sua colocação dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) em sua Parte II – linguagens, códigos e suas tecnologias -, que assim se expressa: “(A)o ser capaz de se comunicar, o aluno possibilita sua inserção efetiva no mundo da escrita e amplia suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.”

Segundo o Ministério da Educação e Cultura(MEC), esses PCNs foram criados para servirem de estímulo e apoio à reflexão sobre a prática diária, ao planejamento de aulas e sobretudo ao desenvolvimento do currículo da escola, contribuindo ainda para o enriquecimento profissional.

Quando se aprende ‘fala’ e ‘língua’ encontra-se nessa dicotomia a diferença que as define; a língua se concebe em um conjunto de valores culturais, religiosos e

políticos. Já a fala é individual e pertence ao indivíduo que a utiliza, sujeita, portanto, ao meio em que o mesmo está inserido (Elgin, 1981).

Neste cenário quando se menciona um indivíduo adulto, tem-se por parâmetro sociológico que o mesmo cursou e concluiu seus estudos básicos, fundamental e médio e faz uso da linguagem para falar, se expressar e se comunicar com total domínio de suas semânticas. Porém, existem adultos e jovens que não tiveram a mesma possibilidade de continuidade de seus estudos e, apesar disso, fazem uso das mesmas palavras, expressões e meios de comunicação. Essa defasagem os leva a encontrar dificuldades para absorver um conteúdo que deveria ter sido absorvido na etapa cognitiva infantil. Infere-se nesse momento uma didática voltada para o ensino da Linguística, ou seja, trabalhar na elaboração de um planejamento voltado para a educação desse aluno de forma que torne o conhecimento acessível a ele dentro da sua realidade, promovendo consequentemente seu valor pessoal, emocional e principalmente social.

Para que isso possa ter cunho educativo, muitos projetos de reinserção aos estudos foram elaborados dentro do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e de Secretarias de Educação (SE), como: Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), Ensino Supletivo, Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), Educação de Jovens e Adultos (EJA) dentre outros.

Esta pesquisa se baseia não apenas no conteúdo educativo, mas no linguístico e social e visualizar se dentro da EJA, quando esses alunos não regulares que, por alguma razão não puderam continuar o processo educacional no período regular, podem estar sofrendo com uma suposta defasagem devido a aglutinação de todas as matérias. É nesta conjectura que ao se matricular em um programa de Educação para jovens e Adultos suas intenções são adquirir não apenas o diploma de conclusão de curso, mas buscar sua interação e ascensão social, além de uma perspectiva de melhoria em sua performance educativa.

Com foco nessa problemática a presente pesquisa tem em seu objetivo geral investigar como a oralidade é desenvolvida na Educação de Jovens e Adultos, do terceiro segmento, na disciplina de Língua Portuguesa, em uma escola pública do Distrito Federal. Para que se possa alcançar esse objetivo geral, foi necessário traçar os seguintes objetivos específicos:

- Conceituar sociolinguística e a oralidade na Educação de Jovens e Adultos;
- Analisar a história e a perspectiva da EJA no Brasil;
- Analisar o Currículo em Movimento da Educação Básica - EJA;
- Observar a aplicabilidade da oralidade durante as aulas de Língua Portuguesa na turma de Terceiro Segmento.

O presente trabalho está organizado em uma primeira parte composta pelo referencial teórico, depois a metodologia da pesquisa, de abordagem qualitativa, composta de questionário, observação e entrevista, e por fim, a análise e apresentação desses dados trazidos do campo, bem como o entrelaçamento desses resultados com a bibliografia consultada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sociolinguística

Sociolinguística é uma das áreas da Linguística que estuda o uso da língua nas comunidades da fala, tendo como foco os aspectos linguísticos e sociais. É uma ciência interdisciplinar que tem como campo a fronteira entre a língua e a sociedade (MOLLICA, 2003). Joshua A. Fishman (1970) afirma que o homem usa a língua constantemente, seja ela expressa, escrita ou falada, se mantém vinculado aos outros através de algum comportamento em comum. Tal ciência procura apurar a interação entre o uso da língua e a organização do comportamento.

A linguagem é conceituada por Julia Kristeva (1969) como “chave do homem e da história, como via de acesso às leis de funcionamento da sociedade”(p13). A autora explica que o fenômeno da prática da linguagem sempre foi dominado pelo homem e o permite compreender não apenas o funcionamento do processo de comunicação, mas também tudo o que envolve a promoção da ordem social.

A língua deve ser estudada como parte da sociedade e não como apenas um contexto específico e independente, mas vinculada ao termo linguagem, que é responsável por iluminar a humanidade e sua existência proporcionando interação entre cultura, comportamento e pensamentos humanos em todas as épocas da civilização, como explica Kristeva (1969). A autora, observa que desde o século XIX a linguagem já era considerada uma evolução através dos tempos, porém essa análise independe de período, pois em todos apresenta-se sempre como “sistema extremamente complexo em que se misturam problemas de ordem diferente”(p17).

O estudo da Linguística traz o foco à natureza da linguagem, que dispensa aulas teóricas para que seja aprendida, como diz Chaika (1994), da Universidade de Massachussetts – Boston USA, “(É) algo que fazemos que não pensamos muito sobre. Crianças não são ensinadas sua língua nativa. Eles interpretam por conta própria através da interação social.”¹ O autor observa que se usa linguagem para aprender e lembrar, não há qualquer outra forma de entender a mente humana senão através da linguagem, bem como entender outras sociedades sem entender suas linguagens.

¹ Tradução livre a partir do original: “It is just something that we do without thinking much about it. Children are not taught their native language. They figure it out for themselves for social interaction.”

A comunicação proporcionada pela linguagem traz também problemas para aqueles que não dominam alguma língua além de sua materna, como o exemplo citado por Elgin (1981): Se um nativo inglês participa de algum evento dominado pela língua francesa, a autora explica que esse indivíduo terá sérias desvantagens de compreensão do conteúdo abordado. O mesmo aconteceu nos Estados Unidos da América, quando crianças mexicanas foram consideradas “retardadas” por não acompanharem o raciocínio dos demais alunos da turma. Philip D. Ortego(1971) observa o seguinte:

Crianças mexicano-americanas de língua espanhola foram relegadas a turmas para retardados, simplesmente porque muitos professores equiparam desvantagem linguística a capacidade intelectual. Somente na Califórnia os mexicano-americanos representam mais de 40% dos chamados retardados mentais.

Quando as crianças mexicano-americanas foram testadas em espanhol, o resultado foi assustador, pois se verificou que mais de 50% destas crianças tinha a inteligência normal, ou até acima da normalidade (Chronicle, San Francisco, 24 de janeiro de 1970). Embora crianças e adultos em situações como essa necessitam dominar o que se chama de *Standart American English* (SAE), para que não sofram tanto em seu processo comunicativo, não se pode ignorá-las e destruir a confiança em sua herança linguística. O mesmo ocorre com a Educação de Jovens e Adultos, quando têm suas competências e habilidades ignoradas por não usarem uma linguagem culta, conforme cita Bortoni(2005, p.131):

No Brasil, a variação está ligada à estratificação social e à dicotomia rural-urbano. Pode-se dizer que o principal fator de variação linguística no Brasil é a secular má distribuição de bens materiais e o conseqüente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante.

Completando o raciocínio da citação anterior, Sírio Possenti (1996) afirma que o pior tipo de preconceito no que se refere à variedade linguística é permitir que se fale mais de uma língua, mas não aceitar que se tenha variedades em uma mesma língua e completa:

Os brasileiros cuja situação social e econômica não lhes permitiu que estudassem muitos anos (às vezes, nenhum) falam o tempo todo. É claro, falarão como se fala nos lugares em que eles nascem e vivem, e não como se fala em outros lugares ou entre outro tipo de gente. Logo, falam seus dialetos. Logo, sabem falar.

A língua, com toda as suas subdivisões entre sons, fonemas, morfemas etc, é uma habilidade que desenvolvemos junto ao processo de sociabilização. Para

Kristeva (1969, p.33), “A linguagem é uma função de diferenciação e de significação, isto é, uma função social e não biológica, possibilitada todavia pelo funcionamento biológico.” A autora explica que embora use-se recursos biológicos para se comunicar, o mesmo é feito com função social, pois não há “linguagem sem som, sem gesto ou sem escrita”(p.32).

O processo de desenvolvimento da socialização caminha concomitantemente com o processo de desenvolvimento da fala, acompanhando a inserção a um novo meio social que ocorre quando se troca de escola, de emprego, de cidade, aprende-se uma nova língua por estar inserido em um novo meio e tendo que identificar as formas de comunicação e termos usados deste novo público, conquistando o enriquecimento de vocabulário e conhecendo uma nova variação de sua língua materna, pois a variação é inerente à própria comunidade linguística, como afirma Kristeva (1969) ao expor que “É uma função social subdeterminada pelo processo complexo da troca e do trabalho social, produzido por ela e incompreensível sem ela.”(p.34).

É importante ressaltar que Chaika (1994) traz um conceito de oralidade vinculada ao processo de aprendizagem na seguinte passagem: “(...) as habilidades mais respeitadas são aquelas associadas ao aprendizado formal: lendo livros com textos designados e produzindo parte de todo seu conteúdo no papel.” O trecho explica que embora o ensino tenha sua importância reconhecida e comprovada, o indivíduo que não é alfabetizado de forma tradicional também pode ser valorizado e avaliado por sua oralidade, comparadas ambas formas de conhecimento como formas reconhecíveis de aprendizado.

2.2 A importância da oralidade na Educação de Jovens e Adultos

Em uma sociedade que tende a dividir e individualizar as pessoas, como afirma João Wanderley Geraldi (2006), acaba por concentrar os privilégios nas mãos da minoria, como acontece com a língua, o que Paulo Freire (1989) acaba por dialogar conceitos apontando que “[...] quem assim atua e assim pensa, consciente ou inconscientemente, ajuda na preservação das estruturas autoritárias” (p.17). Geraldi(2006) completa afirmando que à maioria resta apenas o ‘ouvir’ e absorver. Essa maioria passa a ter como ferramenta o acesso à informação daquilo que é manipulado pelos privilegiados, não podendo desenvolver suas habilidades orais, pois não manuseiam as ferramentas para que aprendam a se expressar, estando confinados no cotidiado e no que lhes é oferecido como informação. Nesta obra, o autor articula sua opinião e afirma que essa é a razão pela qual o professor deve integrar o trabalho da linguagem com a escrita, assumindo o aluno todas as funções do discurso, em que aprende a ler, interpretar, ouvir, produzir e a falar, pois a linguagem é ferramenta constituída de regras, vocabulário e a forma de usá-los, tornando-os um conjunto.

Freire (1989) afirma que a leitura do mundo e a leitura da palavra caminham juntas e dessa parceria nasceu a leitura do real, o que o pedagogo classifica como a “mais rigorosa do mundo” e completa Benjamin Lee Whorf (1982) com seu raciocínio linear - a língua determina a experiência e o pensamento - que:

Os seres humanos estão quase inteiramente a mercê da língua particular que é o meio de expressão de sua comunidade: o ‘mundo real’ é, em grande parte, construído pelos hábitos de linguagem do grupo. Vemos, ouvimos e vivemos nossas experiências tal como o fazemos porque os hábitos de linguagem de nossa comunidade predispoem-nos a certas ações de interpretação.

Levando em consideração que o mundo real é construído pelos hábitos de linguagem, infere-se que a oralidade é praticada o tempo todo, sendo o termo usado para o que envolve ênfase na comunicação pela fala, considerada em oposição à escrita; qualidade oral. Chaika (1994) ‘casa’ as duas formas de linguagem quando afirma que “(P)or enquanto, boa parte de nós pensamos em nós mesmos pronunciando palavras, não sons.”²

² Tradução livre do original: “For instance, most of us think of ourselves as pronouncing letters, not sounds.”

Com base em todas as ferramentas teóricas utilizadas para levantamento histórico, pôde-se perceber que a educação de jovens e adultos no Brasil passou por uma longa caminhada política e social durante o século XX e continua em desenvolvimento. Atualmente existe uma enorme variação cultural nas salas de aula constituída de adultos que não tiveram a oportunidade do estudo, funcionários que foram exigidos a adquirir o certificado, jovens que por questões comportamentais ou qualquer outra razão deixaram o ensino regular, mulheres que se tornaram mães e optaram por se dedicar à família etc. Boa parte desses alunos já está inserida no mercado de trabalho e já apresentam outro nível de maturidade, ou seja, já não podem ter um conteúdo abordado como se fossem crianças. O uso das ferramentas orais para esse público já se tornou algo frequente e influente em seu meio, facilitando-o com sua presença ou prejudicando-o com sua ausência. De acordo com a proposta do Currículo em Movimento da Educação Básica, a oralidade é presente nas salas de aula e, em seus objetivos gerais, pontua formas de se desenvolver tal ponto em seus alunos como “Expor, socializar, argumentar e contra argumentar textos, situações e circunstâncias sobre as temáticas de direitos humanos, diversidade e sustentabilidade.”(p.78) A presente pesquisa propõe certificar que os objetivos do currículo estejam realmente presente nas atividades dentro da escola, não estando livre de encontrar obstáculos durante sua aplicação, conforme afirma Pinto (1982), “(O) caminho que o professor escolheu para aprender foi ensinar. No ato do ensino ele se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais, concretos, que precisa superar. Nessa situação ele aprende.”

O perfil mais maduro dos adultos por vezes vem a ser um obstáculo e atrapalha a forma de se trabalhar a oralidade na escola, não conseguindo preparar o aluno para saber se posicionar, desenvolver e expor seus raciocínios. No livro Educação de Jovens e Adultos, de Jaqueline Moll (2004), a autora pontua inúmeras situações que vivenciou nessa modalidade de ensino e as barreiras que encontrou. Quando se deparou com a seguinte reação: “Professora, não vim aqui para conversar, vim para aprender!”, se deu conta da gravidade da situação e seu projeto passou a ter foco em mostrar aos adultos a importância de se trabalhar a oralidade e afirmou que “Produzir, em sala de aula, o espaço para a fala planejada com os alunos, tem sido um desafio para os educadores do nosso bloco.” A autora explica como se dá a oralidade e a forma como esse processo ocorre na passagem:

Trabalhar com oralidade implica ouvir as vozes do cotidiano e, a partir delas, incluir nos projetos muitos momentos para que todos falem. A ênfase é incluir no planejamento semanal, mensal, esse momento de fala planejada, organizada. Apresentar-se à frente para os colegas, com desenvoltura, de forma organizada, individual ou em grupo, utilizando materiais como lâminas, cartazes, papel pardo, canetinhas etc.

Moll(2004) elenca a oralidade como elemento de altíssima importância na EJA e explica também que é necessário dar o devido valor a esses momentos em sala de aula, para que, fora desses espaços, os alunos possam se apresentar, posicionar e manifestar suas opiniões para uma ou mais pessoas, com ou sem planejamento prévio e posição dos autores com relação à essa valorização da Oralidade em ambiente escolar. Além de ser item obrigatório demandado pelo próprio Currículo em Movimento, merece chamar atenção das autoridades para que haja o acompanhamento do serviço proposto realizado na prática.

2.3 HISTÓRICO E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O projeto de Educação de Jovens e Adultos foi criado com o intuito de proporcionar àqueles que perderam a oportunidade dos estudos e, por alguma razão, sofrem com as desvantagens deste fato. Tal situação foi seriamente debatida em 1997, durante a Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos, promovida pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, que entre outros trabalhos que desenvolve, busca erradicar a analfabetização do mundo, em parceria com o Sesi (Serviço Social da Indústria), que é uma entidade educacional que visa oferecer estudos ao trabalhador, onde ambas pontuaram vários detalhes da educação básica para adultos. Neste evento afirmações como “Governos e parceiros sociais devem tomar as medidas necessárias para garantir o acesso, durante toda a vida dos indivíduos, às oportunidades de educação” (Declaração de Hamburgo, 1999) para buscar a conscientização de que essa minoria não pode ser ignorada da realidade do país e merece atenção.

Analisando a EJA historicamente em seu contexto social, essa vem desde o período colonial com o trabalho de catequização e ensino das primeiras letras, realizado pelos jesuítas. Neste contexto, educação para adultos tinha como maior enfoque a doutrinação religiosa e menos na educacional. Assim, sem ter em seu intuito a produtividade, não cabia grande interesse por parte da corte pelos assuntos educacionais (CUNHA, 1978).

As reformas educacionais começaram a acontecer no Brasil Império devido à descentralização do ensino primário presente no sistema econômico social que não favorecia a educação popular, conforme afirma Vanilda Pereira Paiva (1973). A mesma explica que:

[...] em 1823 possuíamos uma população total de quatro milhões de habitantes dos quais quase 1.200.000 escravos; Em meados do século, para 5.520.000 habitantes livres contávamos com 2.500.000 escravos; Mais de 30% da população estava *à priori* excluída de qualquer participação de caráter educativo sistemático. (p.63)

Paiva (1973, p.69) traz dados como o Decreto nº 6.379, de 30 de Novembro de 1876, ainda no Império, que promoveu o relatório do Ministro dos Negócios José Bento da Cunha Figueiredo (Visconde do Bom Conselho) que expunha o fato de existir neste ano 200.000 alunos frequentando as escolas elementares, o que

difundiu o ensino para adultos. Esses dados coincidem com os apresentados por Rui Barbosa, que afirmava existir cerca de 175 mil alunos no mesmo contexto. Paiva (1973, p.69) observou que devido a este relatório, houve um notável surgimento de mais escolas normais em quase todas as províncias, porém mesmo não conseguindo se manter em funcionamento tornavam válido o esforço e preocupação que o ensino já buscava despertar.

No ano de 1940 em decorrência do alto índice de analfabetismo no país, o governo tomou a decisão de criar um fundo destinado à alfabetização de adultos. Com o final da 2ª Guerra Mundial e da ditadura Vargas, em 1945, a educação de adultos passou a ser vista como instrumento da redemocratização, como “um problema que merecia tratamento especial e que polarizava as atenções pela possibilidade de utilização da educação em função de novos objetivos políticos.

Em 1947 o governo brasileiro lançou a 1ª Campanha de Educação de Adultos. Segundo Pinto (1982) a medida que a sociedade vai se desenvolvendo, a necessidade da educação de adultos se torna mais imperiosa. O que o autor enfatiza é que esses mesmos adultos analfabetos já atuam como educados, porém não alfabetizados. Assim, o mesmo confirma:

“A sociedade se apressa em educá-los não para criar uma participação já existente, mas para permitir que esta se faça em níveis culturais mais altos e mais identificados com os estandartes da área dirigente cumprindo o que julga um dever moral, quando em verdade não passa de uma exigência econômica.”

A campanha citada acima trouxe como pauta a alfabetização dos adultos do país em três meses, um curso primário em duas etapas de sete meses e a capacitação profissional e desenvolvimento comunitário, tornando aberta a discussão do analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Vale registrar que segundo Cunha (1978), pelo fato de ser analfabeto, o adulto era rotulado como incapaz e marginal, definindo o analfabetismo como causa e não como efeito do parco desenvolvimento brasileiro e seus agentes submetidos à baixa classe econômica, política e jurídica, não podendo votar ou ser votado. Pinto (1982) corrobora com Cunha(1978) ao expressar que:

“O menosprezo pela educação dos adultos, a atitude de condená-los definitivamente ao analfabetismo (a parte de sua profunda imoralidade) inside no erro sociológico de supor que o adulto é culpado de sua própria ignorância. Não reconhece que o adulto não é voluntariamente analfabeto, não se faz analfabeto, se não que é feito como tal pela sociedade, com fundamento nas condições de sua existência.”(PINTO, 1982 p82)

As iniciativas políticas e pedagógicas na década de 1940 abriram as portas para a educação de jovens e adultos com: a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o ensino supletivo; a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) em 1947 que atuou no meio rural e urbano.

O Serviço de Educação de Adultos (SEA) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que segundo Perekouskei *et al*, (2013) *apud* Soares (1996), elaborou e enviou aos SEAs estaduais um conjunto de publicações a respeito do tema, tais como:

[...] investimento na educação como solução para problemas da sociedade; o alfabetizador identificado como missionário; o analfabeto visto como uma causa da pobreza; o ensino de adultos como tarefa fácil; a não necessidade de formação específica; a não necessidade de remuneração devido à valorização do 'voluntariado'.

Foi desta primeira análise que teve início uma mobilização nacional e em 1947 ocorreu uma campanha que viabilizou uma reflexão pedagógica da realidade analfabeta de jovens e adultos, porém não chegou a produzir material algum ou proposta própria para esta modalidade de ensino. Paiva(1973) explica que essa elaboração só chegou a ser realizada quando Paulo Freire encabeçou esse trabalho educacional com jovens e adultos tendo o apoio de autores da época de vários níveis de ligações governamentais. Paulo Freire ficou conhecido no Brasil, no Chile e em vários outros países por tratar a educação como ato de:

(...)aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por ele *formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. (FREIRE, 1969)

Com o sucesso do Sistema Paulo Freire desenvolvido em meados de 1960, na cidade de Angicos (RN) desencadearam-se programas como Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento da Cultura Popular do Recife, os Centros Populares de Cultura da União, que pegaram o embalo do pivô político e cultural, ocorrentes na época que evoluíram professando a necessidade da educação de adultos com foco social e não adaptacional mediante a modernização. Aqui também Freire(1969) se manifesta no conceito de como essa educação deveria ser administrada e como o educador se posicionaria na concepção do ensinar a quem já tem conhecimento, o mesmo assim se expressa:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Dentro desta teoria freireana, ensinar um indivíduo que domina certos conhecimentos não é uma tarefa de apenas alfabetização, mas socialização, em que esse indivíduo é inserido no domínio do conhecimento de acordo com seu contexto social. Corroborando com Mafra Filho (2003, p.1) “O princípio democrático já sofria então com práticas eleitoreiras que mascaravam a representatividade popular”, ou seja, o autor afirma que a aquisição de leitura e escrita promove uma ascensão social e, conseqüentemente, uma ampliação do número de votantes, uma vez que o analfabeto não podia votar. Freire(1969) afirma a importância e real sentido da ação “formar”, porém Mafra Filho (2003, p1) confirma que esta ideologia pedagógica divergia das verdadeiras intenções políticas do momento, pois o golpe militar de 1964 reprimiu qualquer movimento de alfabetização que fortalecesse a cultura popular. Já Pinto (1982) concorda que o governo usa da educação como arma para podar sua sociedade quando afirma que “A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses.” Contudo, por um período, o Movimento de Educação de Base, que Paiva(1973) explica ter sido de cunho cultural e que buscava oferecer à população rural a oportunidade de alfabetização, sobreviveu às tribulações políticas por estar ligado ao MEC e à Igreja Católica, porém com a escassez de recursos financeiros, em 1966 algumas atividades tiveram que ser encerradas, pois seu enfraquecimento o tornou irreconhecível, conforme afirma Rapôso(1982), que explica o conceito da Educação de Base alterado várias vezes durante sua existência. Em 1961, a diretriz era “Ser um conjunto de ensinamentos destinados a promover a valorização do homem e o surgimento das comunidades.” Já em 1962 o conceito passou por uma orientação mais elaborada. Assim cita:

Considerando as dimensões totais do homem, entende-se como educação de base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade (...). Concomitantemente, deve propiciar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo povo brasileiro.(Rapôso, 1982 p49)

Para Rapôso (1982), após o Golpe Militar, sem forças ou princípios sociais, a Educação de Base tinha como conceito o ato de: “(...) aprender a comer bem, a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes e integrá-lo no quadro geral de uma sociedade justa.”

A autora explica que integrar o indivíduo a uma sociedade justa é permiti-lo receber uma educação que o capacita a ter o “entendimento para mudanças”, afirmando que se preocupava em contribuir para uma educação que torne o aluno capaz de “interpretar toda uma situação social que estava condicionando seu destino”.

Durante o ano de 1964, surgiu o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, organizado pelo Ministério da Educação e incorporado pelas orientações Freireanas e, junto a outras experiências, destruído pela repressão governamental e pelo exílio de Paulo Freire. O pedagogo não se viu impedido de desenvolver sua proposta conscientizadora da alfabetização de adultos e suas vias de superação, e esclarece em sua obra *Educação e Mudança* (1979) que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém.

No início da década de 70, foi criado o projeto estruturado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, para erradicar o analfabetismo dentro do prazo de dez anos, Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Dava aos militares o poder de controlar seu conteúdo e tinha forte influência do Método Paulo Freire, em que se utilizavam as palavras da realidade e conteúdo do aluno, mas Arlindo Lopes Corrêa (1979) contradiz a informação, alegando que os conteúdos eram decididos pelos tecnocratas baseados nas necessidades humanas.

Em 1971 foi implantado o ensino supletivo considerado marco da história da EJA, com criação de Centros de Estudos Supletivos em todo o país, sua proposta era ser um modelo de educação do futuro, escolarizando o maior número de pessoas mediante um baixo custo operacional, para atender um mercado de trabalho competitivo que exigia um alto grau de escolarização.

O MOBRAL foi extinto em 1985, juntamente com o Regime Militar, que segundo Luiz Antônio Cunha(1978) e Moacyr de Góes (2002) o período derrubou o conceito de democracia e liberdade individual no Brasil e, não tendo sua proposta

realizada que, de acordo com Paiva (1983) apresentava divergências ideológicas, foi substituído pela Fundação Educar. Tal redemocratização possibilitou a ampliação das atividades do EJA impulsionando estudantes, educadores e políticos a se mobilizarem em defesa da escola gratuita para todos, fortalecendo os alicerces de Freire no ato de educar de dentro para fora, onde o alfabetizado é adaptado pelo educador.

Em 1988, com a nova Constituição Federal, ficou obrigatório o ensino fundamental gratuito, passando a ser uma garantia constitucional para aqueles que não tiveram acesso em tempo certo. No artigo 205 da Constituição Federal(1988) afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Em 1990 a fundação Educar foi extinta, seus funcionários colocados em disponibilidade e o ensino de jovens e adultos ficou sem o apoio da União, apesar da constitucionalidade do ensino fundamental ser obrigatório e gratuito, esclarece a Declaração de Hamburgo (1999):

Do mesmo modo, é dever do Estado garantir aos cidadãos a possibilidade de expressar suas necessidades e suas aspirações em termos educacionais. No que tange ao governo, a educação de adultos não deve estar confinada a gabinetes de Ministério de Educação: todos os Ministérios devem estar envolvidos na promoção da educação de adultos e, para tanto, a cooperação interministerial é imprescindível. Além disso, empresários, sindicatos, organizações não-governamentais e comunitárias e grupos indígenas e de mulheres têm a responsabilidade de interagir e de criar oportunidades, para que a educação continuada durante a vida seja uma realidade possível e reconhecida. (p.21)

Na década de 1990, EJA acabou por perder suas conquistas Sérgio Haddad (1992) explica a situação, alegando que com suas pesquisas notou que houve um processo de descentralização do Governo Federal para os Estaduais e Municipais e, nesse caminho, a proposta se tornou mais uma omissão governamental do que delegação de responsabilidades.

Até então, estava em vigência a Campanha Nacional de Educação de Adultos, destacada pelo sociólogo Beisiegel (1999), rogando atenção para o papel indutor que a União assumiu, o que provocou a iniciativa das unidades federadas através de uma regulamentação onde os fundos públicos seriam distribuídos para a estruturação de atividades destinadas à educação de jovens e adultos. Maria Clara

di Pierro *et al* (2001, p.59) fala em sua obra sobre o pedagogo Lourenço Filho, que apoiava o Estado Novo de Getúlio Vargas e a educação o desenvolvimento de trabalhos desde o período pré-primário à orientação e formação de educadores. Ambos acreditavam e lutavam para que fosse considerado que a educação de adultos era trivial para a elevação dos níveis da educação da população como um todo. Lourenço Filho buscava também, além do enfrentamento direto com o analfabetismo adulto, a valorização da importância tanto da educação de crianças quanto de adultos, e que caminhassem juntas, pois, ao seu ver, ambas são indissociáveis quando se visualiza um projeto de não apenas a elevação de educação da sociedade, mas de elevação cultural, como também afirma Pinto (1982, p.81): “A educação do adulto não pode ser conseguida separada da educação da criança, porque o adulto não desejará se alfabetizar se não considera necessário saber ao menos tanto quanto seus filhos.”

O autor explica que deve-se realizar tanto a alfabetização de adultos quanto de crianças simultaneamente, pois julga injusto não investir na educação de adultos como se investe na educação infantil, enfatizando que não se deve “condenar os adultos à condição perpétua de iletrados.” (p.81)

Nota-se que todo o percurso histórico da EJA é atribulado e confuso, pois vários personagens e momentos sociais influenciaram em sua ideologia. Paulo Freire buscou enriquecer as oportunidades e àqueles que dela aproveitaram, porém teve seu trabalho vetado por questões políticas que impediam o sistema educacional em seus reais objetivos sociais e culturais.

2.4 ANÁLISE DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM ORALIDADE DO TERCEIRO SEGMENTO – EJA/2014

No Brasil, o sistema educacional está amparado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e seu objetivo é direcionar instituições de ensino, proporcionando a todos jovens e crianças, independente de classes sociais, o direito à educação o qual é garantido pelo artigo 205 da Constituição Federal (1988), que afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Conforme o artigo supracitado, é dever do Estado em relação à Educação garantir que o acesso à escola seja respeitado. Para direcionar todos esses trabalhos pedagógicos, o MEC elaborou os PCN's, que mantêm o padrão educativo a nível nacional.

No contexto da EJA no Distrito Federal, em 2011 foi elaborado O Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos. O documento aborda várias questões que devem ser trabalhadas, tais como: “Ideologia, reprodução cultural e social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto, resistência.” (BRASIL, 2014). A iniciativa tomou proporção coletiva, envolvendo estudantes, professores coordenadores etc, que propunham uma “[...]nova estruturação teórica e metodológica desse importante instrumento.”

O tempo de duração do processo da EJA é equivalente a metade do tempo do Ensino Médio Regular, sendo dividido em três etapas semestrais e vulnerável à disponibilidade do aluno para conclusão, cada uma com carga horária de 1200 horas. Assim distribuídas:

- 1 Etapa da EJA(Equivalente ao 1 ano do Ensino Médio);
- 2 Etapa da EJA(Equivalente ao 2 ano do Ensino Médio); e
- 3 Etapa da EJA(Equivalente ao 3 ano do Ensino Médio);

Em cada etapa é desenvolvido um conjunto de componentes curriculares nas áreas de: “Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Estrangeira Moderna (Inglês e Espanhol), Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, História, Filosofia, Sociologia e, opcionalmente, Ensino Religioso.” (SEEDF, 2014)

Conforme afirma Freire (1999), a conquista do desenvolvimento bem sucedido das áreas escritas, auditivas e produção oral e textuais possibilita a autonomia da utilização da língua materna, abrindo espaço para todo e qualquer conteúdo que o meio expor. O mesmo se expressa “(...) o pobre sabe, mas nem sempre sabe que sabe”, pois quando o indivíduo aprende, independente de sua classe social, é capaz de se expressar com autonomia e senso crítico.

Os objetivos gerais e específicos do Currículo em Movimento demonstram intensa atenção no quesito oralidade e formas em que a mesma deve ser trabalhada durante as atividades de Língua Portuguesa, com análises, produções, leituras, interpretações, desenvolvimento das variedades linguísticas etc. dentro dos conteúdos literários e gramaticais. (SEEDF, 2014)

Tais formas de se trabalhar a Oralidade foram analisadas por meio deste projeto de pesquisa, abrangendo a análise do desenvolvimento da oralidade em aulas de Língua Portuguesa, na Terceira Etapa. Nesta etapa, a matéria Língua Portuguesa é abordada como um instrumento vivo, dinâmico e facilitador, pois proporciona participação ativa na sociedade em inúmeras variações contextuais. (SEEDF, 2014)

Com o foco voltado para a oralidade, é possível notar que o currículo atual foi muito bem elaborado e traz propostas de cunho positivo e que acrescentam no cotidiano do público alvo da pesquisa. Seus objetivos gerais que apresentam a importância da oralidade e como pretende-se aplicá-los estão listados abaixo:

- Empregar a linguagem para estruturar experiências, explicar realidade e formalizar a compreensão de todas as áreas do conhecimento;
- Expressar opiniões, ideias e experiências de maneira coesa, coerente, objetiva e clara;
- Desenvolver a expressividade e o domínio das variedades linguísticas na produção de textos orais e escritos;
- Reconhecer e respeitar as variedades linguísticas;

- Analisar criticamente os diferentes discursos, desenvolvendo a capacidade de avaliação de textos;
- Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir as possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica.

Ao analisar os objetivos gerais é possível se ter uma breve conclusão de que os conteúdos trabalhados em sala de aula trazem dinâmica social e respeitadora dos limites alheios. Além de tantas propostas sociais, há também, em Língua Portuguesa, outros conteúdos que devem ser abordados, como a escrita, leitura e gramática, que Luiz Carlos Travaglia (2000) afirma quando explica que:

A gramática não é, pois, algo que se possa abandonar no ensino de qualquer língua (materna ou estrangeira) porque a gramática é [...] como diz Fanchi (1987: 42), a condição mesma da criatividade linguística nos processos comunicativos em geral.

O autor expõe no trecho acima que há vários pontos a serem abordados junto ao foco social, que formam uma educação “[...] de forma integrada para a consecução do objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos alunos.” (TRAVAGLIA 2000). Para que isso seja possível, o Currículo traz alguns objetivos específicos que valorizam com alto teor a oralidade como:

- Expor, socializar, argumentar e contra-argumentar textos, situações e circunstâncias sobre as temáticas de direitos humanos, diversidade e sustentabilidade;
 - Posicionar-se criticamente sobre o uso social da linguagem e dos sistemas de comunicação e informação;
 - Identificar as diferentes linguagens presentes na cultura tangível de um grupo social;
 - Desenvolver a expressividade e o domínio das variedades linguísticas no discurso oral e escrito;
 - Estabelecer relações entre os conceitos sistematizados e a produção de textos orais e escritos;
 - Promover atividades de reflexão sobre a utilização dos níveis de linguagem formal e informal;

- Proporcionar o exercício da oralidade, o externar de opiniões e a experiência com a significação e interpretação do texto;
- Socializar as experiências de vida por meio de textos orais e escritos;
- Produzir textos orais e escritos a partir da situação comunicativa;
- Produzir textos narrativos, descritivos e dissertativos (com ênfase nestes) relativos à temática do mundo do trabalho, cultura e tecnologias;
- Estabelecer relações entre os conceitos sistematizados e a produção de textos orais e escritos;
- Utilizar a intertextualidade na produção de texto;
- Aperfeiçoar a leitura em voz alta, ponderando a entonação, a pontuação e a ênfase no proferir texto;
- Identificar as diferentes linguagens presentes na cultura tangível de um grupo social.

De uma perspectiva acadêmica, os objetivos específicos do Currículo em Movimento demonstram inovação para a educação de EJA por darem bastante ênfase no foco da oralidade nesta modalidade de ensino, pois valorizam a interpretação estabelecendo vínculo entre o discurso oral e escrito da língua. Embora inovador, conserva as habilidades e competências citados na versão experimental de 2011, que desde então já pregava por uma educação interdisciplinar.

Analisando os objetivos específicos do Currículo em Movimento, pode-se perceber que há grande comprometimento daqueles que o elaboraram em desenvolver a competência sociolinguística dos estudantes do terceiro segmento.

3 METODOLOGIA

No sentido de elucidar o mecanismo educacional aplicado na EJA, houve orientação por uma análise com enfoque qualitativo, o qual prevalece no diálogo com as teorias empíricas de autores como Freire(1979, 1989 e 1996), Cunha(1978), Beisiegel(1999), Paiva(1973) entre outros, que conceberam e participaram do processo histórico da Educação de Jovens e Adultos, no Brasil. Com base em leituras de livros e artigos desenvolvidos com a mesma temática, seus conceitos e práticas, para verificar como a aplicação e desenvolvimento da oralidade vem sendo gerida e quais seu aspectos pedagógicos no ensino da língua portuguesa juntamente com o depoimento da professora.

Para embasar a pesquisa de campo e os dados colhidos, a metodologia utilizada na pesquisa foi a do tipo bibliográfica, que de acordo com Gil (2009) visa estabelecer um referencial teórico com o tema. Tal forma serve para fortalecer esta conceitualidade e ajuda a explicar os métodos aplicados para que uma análise possa ser realmente eficaz e legítima.

O presente trabalho tem como foco principal analisar o desenvolvimento da oralidade em uma turma de EJA nas aulas de Língua Portuguesa, com intuito de acompanhar como é feito o desenvolvimento pedagógico, intervenções da professora e de que maneira podem contribuir para uma perspectiva voltada aos aspectos cognitivos, motivacionais e orais desses alunos.

Foram utilizados métodos de coleta de dados como questionários, entrevista e observação. Tais instrumentos proporcionaram tabulação de informações e a verificação de pontos de vista de um mesmo foco: a Oralidade. Tendo todas as respostas, dados e informações sobre tudo o que pôde ser coletado do campo, foi feita articulação entre os dados obtidos e a análise documental e bibliográfica, proporcionando à estrutura cunhos teórico e prático.

Além da absorção de informação através de análise bibliográfica e documental, também foram colhidos dados pelo questionário que foram tabulados e a entrevista, gravada. Todas as informações foram cruzadas com finalidade de encontrar a sintonia entre a professora, alunos, escola e currículo e o resultado desse estudo comparativo foi articulado com as observações feitas em campo.

Cervo e Bervian (1975) explicam que se recorre à entrevista quando não há como encontrar dados em registros e fontes documentárias, porém podem ser

fornecidas por algumas pessoas. Após planejamento de roteiro para que se desenvolvesse cuidadosamente pontos do objetivo a ser alcançado como: Conceito de Oralidade, aprendizagem escolar e caracterização das perspectivas contidas nas Diretrizes Curriculares da EJA. Promoveu-se a coleta e análise de dados absorvidos em uma entrevista com a professora. Segue um breve roteiro da entrevista:

Roteiro de entrevista com a Professora	
1-	O que você entende por oralidade?
2-	Você considera que trabalha a oralidade tanto quanto as atividades de leitura, produção e interpretação de texto? Como você trabalha oralidade em suas aulas? Quais as principais dificuldades encontradas para trabalhar oralidade em sua sala?
3-	Você conhece as Diretrizes do Currículo em Movimento atual?
4-	Em sua opinião, as escolas acompanham as diretrizes do Currículo em Movimento com relação à oralidade?
5-	Você tem o respaldo da escola para trabalhar oralidade e interação com suas turmas?
6-	Algum aluno já reclamou da forma como você conduz as aulas (Metodologia aplicada) de Português?
7-	Você toma cuidado com as formas como aborda seus alunos nos momentos em que existem conflitos e compartilhamento de opiniões ?
8-	Os seus alunos, normalmente, são comunicativos?
9-	Quais são suas abordagens com os alunos tímidos? Quais estratégias utiliza para que os alunos tímidos participem oralmente das aulas e não sejam monopolizados pelos extrovertidos?
10-	Você considera relevante a forma em que o Currículo em Movimento exemplifica como se desenvolve oralidade com os alunos?
11-	Você considera que sua escola é uma boa fonte de conteúdo e socialização desses estudantes?
12-	Como você julga a EJA como forma de inclusão dos estudantes da sociedade?

Aos estudantes foi aplicado um questionário dicotômico com 12 (doze) questões para 10 (dez) alunos da mesma turma, pois Cervo e Bervian(1975) afirmam ser a forma “mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja.” O objetivo foi abordar as expectativas, opiniões e performances na oralidade formal e informal durante as aulas de Língua Portuguesa, do ponto de vista do corpo discente e pode-se visualizar os resultados detalhados de todos os envolvidos no “Relato dos Resultados”.

As observações feitas durante aulas no decorrer dessa atividade foram os indicadores que auxiliaram na solução dos questionamentos que constituem a problematização desse estudo e que poderão ser complementados com a leitura das bibliografias indicadas.

3.1 Cenário da pesquisa

A pesquisa de cunho qualitativa foi realizada em uma escola de Educação de Jovens e Adultos. Este tipo de pesquisa foi escolhida por proporcionar descrever a complexidade do problema estudado, como afirma Roberto Jarry Richardson(1999) “[...] compreender e classificar processos dinâmicos vividos pro grupos sociais.”(p. 80). A instituição rege o Ensino Médio Regular nos períodos diurnos e, no período noturno, a EJA. Os critérios usados partiram do planejamento da pesquisa em escolher o ambiente baseado na localização de fácil acesso a todos os públicos e em contatos feitos previamente com o quadro de servidores da escola.

Situada no Plano Piloto, a escola está localizada às margens de vias movimentadas da entrada e saída Sul da cidade, sendo frequentada por públicos de toda a redondeza, há 5,9Km da Rodoviária Central.

3.2 População

3.2.1 Professora

Participou do projeto a professora de Língua Portuguesa da EJA, atuante na Secretaria de Educação do Distrito Federal há 24 anos. O critério de escolha para a participação da mesma se deu por ser a única regente de Língua Portuguesa da turma de terceiro segmento. Embora a docente seja bastante ausente da escola, foi possível observar algumas aulas e ter momentos de diálogo registrado em entrevista.

3.2.2 Alunos

Para realização dessa pesquisa participaram 10 dos 15 alunos da turma do terceiro segmento da EJA, público este que frequenta a instituição no período

noturno, após longo dia de trabalho. Entre trabalhadores externos e donas de casa, foi possível colher dados através de questionário, após explicação com média de 20 minutos sobre o conceito de Oralidade e a importância de seu bom desenvolvimento para a formação de um cidadão consciente.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para que haja melhor interpretação das informações colhidas fundamentais para a pesquisa, realizou-se um levantamento de todos os elementos básicos constitutivos de um texto, a fim de se “(C)ompreender o mesmo”. (MARCONI, 1992). Após estruturação teórica da pesquisa e dados obtidos, as análises puderam ser feitas possibilitando a conclusão da pesquisa com sucesso.

Analisando o Currículo em Movimento da Educação Básica – Jovens e Adultos observa-se que a Oralidade é item fundamental para o desenvolvimento dos conteúdos de forma acessível e objetiva, porém relacionando as informações coletadas através do questionário pôde-se observar que os estudantes não identificam a Oralidade conforme descreve o Currículo. Para o grupo não é fundamental que se desenvolva algumas áreas, visto que o objetivo principal é graduar e obter seu certificado, cada um com sua razão específica.

A entrevista com a professora foi degravada e analisada cuidadosamente, pois foram recebidas informações delicadas a respeito da escola em si. Foi possível perceber que não há dedicação para com a Oralidade uma vez que foi dito pela mesma que não tinha conhecimento do lançamento de um novo Currículo em Movimento.

Compilando todos os dados colhidos foi possível contactar que a Oralidade não é trabalhada com os alunos do terceiro segmento da forma que é proposta no Currículo.

4.1 Relato de resultados

Atualmente a sociedade e o mercado de trabalho vêm exigindo cada vez mais desenvoltura profissional, obrigando o indivíduo a fazer uma revisão de seus conhecimentos e crenças (Hegenberg, 1969). Os mesmos buscaram suporte educacional oferecido pela Secretaria de Educação e estão em período conclusivo do Terceiro Segmento da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O público foi observado durante cinco aulas de Língua Portuguesa para análise e coleta de dados possibilitando a constatação do desenvolvimento da Oralidade durante as aulas, conforme previsto no Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal.

No primeiro dia de observação houve a realização de um evento da Secretaria de Educação chamado 'Semana de Educação para a Vida'. Tal evento é realizado por uma semana inteira, em que várias palestras e apresentações são realizadas com o objetivo de interagir o estudante ao ambiente profissional (tema que a referida escola escolheu esse ano), dando-lhe a oportunidade de acessar à informação e ter noção do mercado e as opções que o mesmo apresenta. O projeto foi criado pela Lei nº 11.988 de 27 de julho de 2009 e em seu Primeiro Artigo afirma que :

Todas as escolas de ensino fundamental e médio da rede pública no País realizarão, em período a ser determinado pelas Secretarias Estaduais de Educação, a atividade denominada Semana de Educação para a Vida.

Ainda no primeiro momento, os alunos estavam se preparando para a culminância do evento, quando iriam apresentar uma peça teatral, no próprio espaço da escola. Cada estudante representava uma profissão e, neste primeiro dia, estavam ensaiando com o auxílio da professora de Língua Portuguesa, que os apoiou e respeitou os limites de timidez de cada um. Houve uma grata surpresa em se deparar com o evento, pois a proposta veio ao encontro do objetivo principal da pesquisa: o desenvolvimento da Oralidade.

Durante as observações das aulas detectou-se que não há o devido valor ao foco para a Oralidade em seu real conteúdo, pois estratégia da professora para desenvolver a aula mostrou atenção em equilibrar as invasões dos extrovertidos, bem como a forma desses estudantes abordarem os mais tímidos, e em incentivar essa minoria a expor suas opiniões e aumentar suas vozes dentro dos limites de cada personalidade, e não em buscar promover o desenvolvimento da habilidade de produção oral e textual dos assuntos que surgem ao longo da aula. Também não foi identificado qualquer manifestação da professora para corrigir o erros de Português manifestados durante a fala dos alunos, embora Bortoni(2005) explique que “[...] quando se lida com alunos de acesso limitado à norma culta em seu ambiente social temos de levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na apredizagem do português-padrão.” (p. 53) A autora explica que deve-se respeitar o indivíduo que não usa da norma culta para se comunicar no sentido de compreender que o mesmo não a usa por não conhecê-la, mas não é pobre de linguagem ou impossibilitado de se comunicar por isso.

Em um segundo momento, a pesquisadora teve a oportunidade de participar de uma saída de campo com a referida turma, em que os estudantes foram levados ao SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) para conhecer as oportunidades que a corporação oferece, áreas e formas como atuam. Projetos como 'Semana do Empreendedor', 'Projeto nas Escolas', 'Café com Empreendedores' etc.

As palestras tiveram cunho motivador para estes estudantes, pois além de tantas opções que lhes foram apresentadas, um dos palestrantes foi aluno da EJA e, atualmente, é professor universitário. O momento foi bastante interrogado pelos espectadores, pois participaram ativamente da palestra e expuseram suas dúvidas, mostrando interesse no conteúdo e criando novas questões até então não desenvolvidas pelos próprios palestrantes que, por sua vez, usavam linguagem clara e simples, mantendo constante comunicação com os estudantes.

O terceiro momento da pesquisa de campo foi a atuação teatral dos estudantes do terceiro segmento. Durante a observação das apresentações foi possível notar a disposição de uns e indisposição de outros. A oralidade pôde ser identificada em alguns pontos onde estudantes desenvolviam suas próprias falas parafraseando o texto original, conforme aponta alguns dos objetivos específicos do Currículo em Movimento da Educação Básica (2014) "Compreender, interpretar, analisar e produzir diferentes gêneros textuais pertinentes às temáticas de cultura, mundo do trabalho e tecnologias." Que explica que o estudante deve estar apto a "Desenvolver a expressividade e o domínio das variedades linguísticas no discurso oral e escrito", bem como "Estabelecer relações entre os conceitos sistematizados e a produção de textos orais e escritos."

No decorrer da pesquisa foi possível perceber a presença da timidez em alguns alunos e identificada em entrevistas. Em momento de conversa informal com a turma foi ressaltado que alguns são tímidos e o professor não os força a se expressar.

Além da diversidade cultural identificada na turma, há um estudante autista com altas habilidades que não consegue ficar dentro do ambiente de sala de aula e explora todas as áreas físicas da escola. Embora a professora afirme que não recebe apoio da equipe escolar para atender às necessidades desse estudante, o Currículo em Movimento do EJA prevê ser:

(...) cada vez mais destacada a necessidade de um atendimento educacional especializado (AEE) para os estudantes da EJA com deficiência. A Educação Especial na EJA pressupõe o atendimento AEE no mesmo turno, visto que a permanência do estudante jovem e adulto na escola durante dois turnos diários provocaria uma concorrência entre a inclusão na escola e a inclusão na sociedade, podendo privá-lo do direito a uma atividade profissional, interferindo seriamente em sua inserção social e cidadã.

Segundo o Documento “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007 e prorrogado pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007, a “educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação.” Com o respaldo da família a escola recebe o estudante e garante sua segurança e socialização, mas não há acompanhamento específico e, quando perde-se o controle de seu comportamento, a mãe é solicitada a buscá-lo.

É perceptível que o estudante não é prioridade na instituição. Embora todos o conheçam, não há atendimento especial dedicado a ele, apenas o foco social normal adaptado às peculiaridades do caso e vigília para controle de situações delicadas.

- Corpo Discente

O grupo de estudantes é composto por uma maioria na faixa etária entre 18 e 25 anos, boa parte mulheres e todos trabalhadores. De acordo com as entrevistas informais com os mesmos, pertencentes à disciplina de Língua Portuguesa do terceiro segmento, demonstraram bastante decepção com a professora por sua ausência e atrasos constantes. O questionário aplicado aos estudantes tinha foco em colher a opinião dos mesmos sobre os conteúdos abordados na aula de Língua Portuguesa, a modalidade EJA, forma de avaliação e interação de todos entre alunos, professora e escola. Foi possível concluir com a ferramenta aplicada que o foco durante as aulas é o conteúdo teórico, escritas e leituras, demonstrando que a oralidade não é trabalhada conforme o Currículo em Movimento da Educação Básica de Jovens e Adultos declara. Os estudantes mostraram compreender o valor da EJA, mesmo com suas deficiências, a importância da Língua Portuguesa e o domínio da norma culta junto à oralidade bem desenvolvida e apontam as aulas como mais

conteudistas, porém explicam este ponto de vista argumentando que é realmente delicado aglutinar o conteúdo de três anos em três semestres, pois vêem no projeto a oportunidade de desenvolver-se cultural, social e pessoalmente. Percebe-se também, com as respostas dos alunos que a turma, em sua maioria, planeja ingressar no Ensino Superior e continuar as etapas educacionais relevantes para o sucesso profissional, mais um fator para ressaltar a importância do desenvolvimento oral destes estudantes, pois conforme afirma Leny Kyrillos (2005, p.16) “(...) a comunicação interpessoal é a melhor maneira de transmitirmos e recebermos as mensagens, refletindo nossos desejos, anseios e intenções.” A autora defende que dependendo da profissão que se siga, a voz passa a ser exigida em termos de qualidade e quantidade, pois é elemento estratégico para o sucesso da comunicação. (Kyrillos, 2003)

- Corpo Docente

O corpo docente analisado foi uma professora de Língua Portuguesa que há 24 anos serve à Secretaria de Educação do Distrito Federal, regente da turma do terceiro segmento da EJA, do turno noturno. Para a professora, oralidade é o “momento em que os alunos se comunicam.” e afirma ser o principal foco das aulas que ministra. Tratando-os de igual para igual por ter alunos mais velhos e que frequentam a escola exclusivamente para ter o diploma, para não perder esses alunos, foca em aproximação e deixa o conteúdo como segunda opção, pois pôde perceber que se desenvolvesse mais o ponto social da turma os ajudaria mais. Quando questionada sobre o Currículo em Movimento da EJA de 2014, afirmou que não é possível desenvolver exatamente o que é proposto pelo documento por falta de suporte da escola. Mozara Silva e Onici Flôres (2005) apontam que a fala e a escrita se relacionam e por vezes se misturam para “(...) suprir as necessidades de comunicação humana nas situações sociais específicas em que são utilizadas.” O posicionamento das autoras é uma forma de explicar a negligência notória em situações como biblioteca e laboratório de informática fechados no período noturno mostram que as turmas de jovens e adultos não é prioridade para a escola e impossibilitam a realização de aulas com mais opções de recurso.

Abaixo segue um quadro com opiniões dos alunos e da professora expressas no questionário e na entrevista sobre a oralidade.

PROFESSORA	ALUNOS
"A gente acaba trabalhando Oralidade mais pelo bate-papo, mas eu tenho muitos alunos que nem abrem a boca."	"Vergonha talvez. Falta de criatividade, falta de comunicação."
	"Talvez seja a personalidade da pessoa ou a falta de preparo quando mais jovem, tanto na escola quanto em casa."
	"Acho que a outra parte sente receio em falar na frente dos demais ou medo de suas ideias não serem aceitas."
	"A insegurança, o medo de não sair do jeito que ela (professora) deseja."
	"Muitas vezes alguns professores por serem mais fechados e "chatos", acaba acontecendo de eu me fechar"
	"Depende, muitas vezes alguns professores por serem mais fechados e "chatos", acaba acontecendo de eu me fechar."
	"Ela geralmente não trabalha a oratória, ela foca mais na parte teórica."
	"Quando a professora decide vir o aproveitamento do tempo para uma conversa e ou discussões são feitas."
	"Ela não força ninguém a falar, geralmente ela deixa em aberto a oportunidade, aproveito bastante esse espaço."
"(...) a professora gosta muito de debater com os alunos e fazer redação também, porque ajuda muito no aprendizado e no desempenho do aluno."	

Com base nas informações adquiridas na entrevista, nos questionários obtidos e, principalmente na observação da pesquisadora pode-se observar que não é realizado na prática o que é proposto na teoria do Currículo em Movimento e seus objetivos gerais e específicos. É nítido que não há comunicação entre os envolvidos com um mesmo objetivo: alcançar os propósitos do Currículo não apenas em Oralidade, mas em todo seu conteúdo em geral. Erasmo Norberto Ferreyra (1998) afirma que o "(D)ocente é coordenador e guia." e completa: "Corresponde a ele estimular a busca e o descobrimento." Logo, pode-se notar que embora a professora se dedique em lhes dar atenção, não é esse o desempenho que deveria ter, o que Ferreyra (1998) critica alegando que não é papel do professor "(...) converter-se no centro das conversações."

Elgin(1981) traz o conceito de sociolinguística explicando que cada ser fala de acordo com a sua forma popular de se expressar. A autora ainda exemplifica

afirmando que a forma como se fala com um patrão, os filhos, os amigos etc. São todas diferentes, pois estão de acordo com o meio que em que se está. Muitas diferenças de estilo não são sistemáticas e são atribuídas a inúmeros fatores, mas não são indignas de valorização.

Diante de tantas informações absorvidas ao longo da pesquisa, levanta-se uma suposta solução para a problemática apontada: Incentivo à oralidade aos alunos dentro de sala de aula de forma que possam entender a importância da mesma e talvez até desenvolvê-la eles mesmos em qualquer ambiente, pois foi identificado que não é entendido a relevância dos resultados obtidos quando se é bem desenvolvido oralmente. Entende-se que uma vez que a Oralidade tivesse sua relevância reconhecida e fosse desenvolvida nas escolas conforme consta no currículo, bem como na vida dos cidadãos em aspectos pessoais e desde suas idades iniciais, seria notória a desenvoltura oral e social e, conseqüentemente, a consciência de real e mundo ao redor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o questionamento principal da pesquisa e suas estruturas teóricas, verificou-se que não há o real comprometimento com desenvolvimento da Oralidade na Educação de Jovens e Adultos na escola observada, visto que embora a professora se preocupe com o conteúdo, não o trabalha articulando-o com a oralidade.

Perante tudo que foi estudado e conhecido da estrutura da EJA, a ideia do projeto é de certo válida. Dar uma nova chance àquele que não teve oportunidade de concluir seus estudos em época propícia é um trabalho que demanda tempo, paciência e dedicação. Além de carregar uma ideologia rica em intenções de transformar a realidade do indivíduo e enriquecer seus objetivos e perspectivas.

Dentro da Constituição Federal(1988) se encontra a garantia e a obrigação de oferecer acesso aos estudos. A educação de jovens e adultos é um fator importantíssimo tanto para o próprio indivíduo em sua colocação social como para sua realização pessoal, além de realidade política.

Tendo em mãos algumas opiniões expressadas na presente pesquisa, é possível concluir que o foco do grupo analisado não é aprender os conteúdos propostos pelos PCNs e Currículo em Movimento, mas conquistar o diploma de conclusão, possibilitando-o alcançar um protocolo exigido pelo mercado de trabalho e dar continuidade aos passos educacionais seguintes ao Ensino Médio.

No entanto, a não compreensão da importância da oralidade pela professora e pelos discentes é inconcebível na conjuntura atual, tendo em vista que os estudantes já estão inseridos no mercado de trabalho e têm a oralidade como ferramenta essencial para o desenvolvimento de suas atividades.

Diante da problemática identificada e apresentada far-se-ia necessária uma revisão da didática apresentada pela instituição e pela docente em relação à oralidade e ao tratamento disposto aos alunos.

Como solução, após todo o desenvolvimento da pesquisa, seria necessária a adoção dos objetivos propostos pelo Currículo em Movimento, que traria o avanço da realidade da EJA, e por consequência, melhorias necessárias para o alcance de um nível de qualidade desejável à educação.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Arlindo Lopes. **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL. 1979.
- BARTONI RICADO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. Por Ed. Parábola Editorial. São Paulo, 2004.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, an./Abr. 1999, nº 4, p. 26-34.
- BORTONI – Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**. Parábola Editorial, São Paulo, 2005.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.
- BRASIL, **Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos CF/1988**.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica – para uso de estudantes universitários**. São Paulo. 1975.
- CHAIKA, Elaine. **Language: The social mirror**. By Heinle & Heinle Publishers, 1994.
- CORREA, Jane; SPINILLO, Alina; LEITÃO, Selma. **Desenvolvimento da Linguagem – Escrita e textualidade** 1ed. Rio de Janeiro, 2001.
- CUNHA, Luiz Antonio. **Aspectos sociais da aprendizagem de ofícios manufatureiros no Brasil colônia**. *Fórum Educacional*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, out./dez, 1978 Disponível em:< <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 03abr2014.
- ELGIN, Suzette Haden. **“O que é linguística?”** Por Prentice Hall, Inc., 1981 Englewood Cliffs, Nova Jersey.
- _____. **Roda Viva**. In: CUNHA, Luiz Antonio (Org.), GÓES, Moacir de (org) 11º ed. **O Golpe na Educação**. Ed. Jorge Zahar, 2002.
- FERREYRA, Erasmo Norberto. **A linguagem oral na educação de adultos**. Tradução de Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998. Título original: *Lenguafización para la educación de adultos*.
- FISHMAN, Joshua A, AGHEYSI, Rebecca. **Anthropological Linguistics**. 1970
- FLÔRES, Onici; SILVA, Mozara. **Da oralidade à escrita: Uma busca da mediação**

multicultural e plurilingüística. 1ed. Canoas, Editora da ULBRA, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler : em três artigos que se completam.** 23ed. São Paulo: Editor Cortez, 1989.

_____. **Educação e mudança.** tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** 4ed. São Paulo : Ática, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de Pessoas: enfoque nos papéis profissionais.** São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5ed. São Paulo : Atlas, 1999.

HADDAD, Sérgio. **Tendências atuais na educação de jovens e adultos.** Em Aberto, Brasília, out./dez. 1992, vol. 11, nº 4, p. 3-12.

HEGENBERG, Leônidas. **Explicações científicas: Introdução à filosofia da ciência.** Editôra Herder, 1969.

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem.** Lisboa : Edições 70, LDA. 1969.

MAFRA FILHO, Francisco de Salles Almeida. Artigos, pareceres, Memoriais e Petições / **O princípio democrático – Uma visão Crítica.** 2003 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_53/artigos/Art_Francisco.htm. Acesso em: 05abr2014.

MOLL, Jaqueline. **“Educação de Jovens e Adultos”.** By Editora Mediação 2004

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto 2003

ORTEGO, Philip D. **“The education on Mexican American.”** In The Chicanos: Mexican American Voices, org. por Ed. Ludwig e James Santibañez. Baltimore: Penguin Books, Inc., 1971.

PAIVA, V.P. **Educação popular e educação de adultos.** 1.ed. São Paulo: Loyola, 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos;** Introdução e entrevista de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira; Versão final revista pelo autor. São Paulo : Autores Associados : Cortez, 1982. P. 81.

PORTAL EJA. Disponível em: < <http://www.eja.com.br/search?q=EJA+historia>>. Acesso em 05abr2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RAPÔSO, Maria da Conceição Breno. **Movimento de Educação de Base – MEB**, Discurso e Prática. 1961 – 1967, Dissertação. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Administração de Sistemas Educacionais, 1982.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 2ed. São Paulo : Atlas, 1999.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola : Uma perspectiva social**. 17ed. São Paulo : Editora Ática, 2004.

_____. **A educação de jovens e adultos**: momentos históricos e desafios atuais. Revista Presença Pedagógica, v.2, n.11, set/out 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**. 5ed. São Paulo : Cortez, 2000.

WHORF, Benjamin Lee. **Language, thought and reality**. 15ed. Massachusetts: 1982.

APÊNDICE



QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 3º SEGMENTO, DO CENTRO DE ENSINO MÉDIO OESTE (CEMSO)

Caros alunos, estou realizando uma pesquisa sobre a “Oralidade trabalhada na Educação de Jovens e Adultos” para fundamentar meu TCC do curso de Letras do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Sua colaboração será de grande valia e não haverá nenhuma identificação pessoal. As repostas serão utilizadas somente para fins acadêmicos, sem a divulgação de seu conteúdo ou a identificação do participante.

Conforme o Currículo em Movimento da EJA O conceito de Oralidade na Língua Portuguesa, dentro do processo de ensino-aprendizagem, está baseado no domínio que o aluno desenvolve no discurso das diversas situações comunicativas. Amplia as possibilidades de aprendizagem de modo que possa estruturar, explicar e formalizar a compreensão de textos, ideias, discussões, debates, escrita coesa conforme enfatiza o Currículo em Movimento (2014) em um dos seus Objetivos Específicos: *“Compreender, interpretar, analisar e produzir diferentes gêneros textuais pertinentes às temáticas de cultura, mundo do trabalho e tecnologias etc. (p.77)”*

Com base nesse rápido conceito de oralidade e suas experiências, responda as questões abaixo, por gentileza.

Parte 1 – Dados sociodemográficos

Antes de iniciar nossa pesquisa temática, por gentileza, responda algumas questões pessoais:

- 1) Qual seu sexo?
 - a) Feminino
 - b) Masculino

- 2) Qual sua idade?
 - a) Entre 18 e 25
 - b) Entre 26 e 35
 - c) Entre 36 e 45
 - d) Entre 45 e 60.

Parte 2 – Expectativa Profissional

- 3) Após finalizar seus estudos, planeja engajar no Nível Superior? Justifique sua resposta.

- 4) O que te levou a procurar a EJA como forma de complementar seus estudos (Tempo mais curto de conclusão; exigência profissional; questões pessoais; decepções com o ensino regular, etc)?

5) Quais eram as suas perspectivas quando decidiu iniciar as atividades na EJA?

6) Você sente que nas aulas de Português há espaço para discussões?

7) Durante as aulas você se sente a vontade para emitir opiniões ou responder a questões relacionadas ao conteúdo trabalhado?

8) Marque as alternativas abaixo de acordo com suas aulas de Português:

- a) Atividades dirigidas de oralidade (Debates, formação de opinião, apresentações teatrais, simulações, etc.).

- b) Teóricas (Conteúdos e exercícios de fixação, leitura e interpretação de textos diversos).
- c) Atividades culturais e literárias (Seminários, saraus, pesquisas de campo, etc).
- d) Discussões sobre atualidades (Política, religião, notícias, redes sociais, etc).

9) Quando você participa oralmente das aulas de Português o professor faz alguma correção durante sua fala? Como isso ocorre?

10) A professora solicita sua opinião em debates de temas polêmicos e/ou interessantes? Você aproveita desses momentos para expor sua opinião?

11) Você sente que é avaliado somente nas provas escritas, ou percebe que a professora faz uso das situações comunicativas orais para realizar a sua avaliação?

12) Você sente que somente poucos e os mesmos alunos da sua sala participam das interações/situações comunicativas orais? Se sim, o que você atribui a este fato?

Obrigada!